

---

# Procopio

## *um depoimento*

Fernando Hen

**C**onheci Procopio há cerca de vinte e cinco anos. Eu era professor-assistente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, trabalhando com Florestan Fernandes. Procopio vinha de outra tradição: Filosofia na São Bento e Sociologia na então chamada Escola Livre de Sociologia e Política.

À época havia certa birra entre os "us-pianos" e os que vinham de outras escolas. Florestan fizera seu mestrado na Escola Livre e lá recebera a influência da sociologia americana, dita "empírica", principalmente através de Emílio Willems, o tradutor do Mannheim de *Ideologia e Utopia*, mas também antropólogo dos "estudos da comunidade" e através de Donald Pierson, epígono da Escola de Estudos Urbanos e Raciais de Chicago. Não obstante, marcava, com força, em todos nós, a singularidade da USP.

Pois bem, Procopio fazia a ponte entre a USP e a Escola Livre: brilhava nas bancas examinadoras, mostrando saber clássico e instinto de pesquisador. Foi este meu primeiro contato, intelectual

portanto, com Procopio. Eu, jovem professor-assistente, respeitava-o como alguém de outra geração que, sem parecer a nossos olhos de então igual a Florestan e a Antonio Candido, ídolos de minha geração, não desmerecia uma tradição de capacidade crítica e de erudição.

Fui por ele examinado na tese de livre-docência que apresentei à Faculdade em 1963. Era um estudo sobre os empresários industriais e eu me mortificava para compatibilizar a visão que sustentava o "papel histórico" da burguesia nacional, já então prestes a acasalar-se com o capitalismo que se internacionalizava, com a realidade brasileira do populismo e de um nacionalismo indigesto.

Meu estudo fez-se quando havia a mobilização do empresariado contra João Goulart e contra o "nacional-populismo". Foi neste contexto, ajudado na pesquisa, entre outros, por Leôncio Martins Rodrigues, que estreitei meu relacionamento com Procopio e através dele com Severo Gomes, então predisposto à conspiração.

Foram poucos mas marcantes os jan-

---

# Procopio

## ximento

rique Cardoso

tares — admiravelmente preparados por Procopio — que fizemos com Leôncio e não raramente com Severo na Rua Frei Caneca, onde nosso hospedeiro morava. Descobri em Procopio um mais que arguto conhecedor de nossa sociedade e de sua incipiente industrialização. Pasmem: Procopio foi, profissionalmente, diretor de "relações industriais". E neste posto começava a desvendar, para ele próprio, as artimanhas da formação da sociedade industrial. Muitas de suas observações — inclusive na argüição da tese — me foram utilíssimas.

Depois, veio 1964! Exílio e distanciamento. Procopio mandava sinais. Leôncio, mais próximo. Florestan, firme na resistência ao arbítrio. Severo, ainda do outro lado, sofria pelas injustiças ocorridas.

De volta, em 1968, fui brindado com novo processo — este secreto —, e, em 1969, lá se foi a cátedra que eu ganhara em outubro do ano anterior, com uma tese também sobre os empresários, só que desta vez incluindo a comparação com os industriais argentinos, com algum

conhecimento dos mexicanos e dos chilenos. Procopio outra vez me examinou. Foi dos poucos que "foram ao ponto". Viu no que e quanto eu mudara nos cinco anos de Chile e de França.

Mudou muita coisa no Brasil, também. Menos o caráter, absolutamente íntegro, de Procopio, e a solidariedade que ele sempre prestou aos perseguidos. Fundamos o CEBRAP. Juntamos alguns dos perseguidos com os que não se negavam a resistir. Numa reunião na Fundação Getúlio Vargas com Antonio Angarita e outros companheiros, creio que foi Roberto Gusmão — que também sempre foi solidário — quem propôs o nome de Procopio para presidente do CEBRAP, pois ele não fora diretamente atingido pela "revolução" e gozava de prestígio e respeito em alguns círculos influentes, incluindo-se personalidades como Paulo Egydio Martins, José Mindlin e Severo Gomes, que seriam mobilizados para dar cobertura a uma instituição de pesquisa composta por "dissidentes". Nenhum deles nos faltou e, como companheiros da primeira hora, somaram-se Osvaldo Gus-

mão, Pedro Paulo Poppovic, Betty Mindlin, Celso Lafer, Maurício Segall, Abel Barros de Lima e tantos outros.

Trabalhei durante anos a fio na mesma sala de Procopio. Eu recebia muita gente. Perturbava o companheiro, que jamais fez qualquer gesto que pudesse constranger-me. Eu é que, sem jeito, fazia arabescos para mover-me de um canto a outro com os visitantes (pesquisadores, jornalistas, estudantes) para tentar minimizar o incômodo que causava ao meu colega de sala.

Durante todos estes anos, trocávamos opiniões sobre quase tudo. Digo quase tudo porque Procopio jamais se permitia qualquer incursão mais íntima, mesmo com seus mais próximos amigos. E jamais quis percorrer os insondáveis caminhos que enredam a alma de cada um de nós.

Assim, de Procopio — meu amigo e dos que mais bem quis — sei muito quanto a seu caráter, suas convicções políticas, seu percurso intelectual. E me calo, respeitoso, diante dos mistérios de sua tormenta, sem fazer hipóteses e sem pretender desvendar o que ele tanto prezava: a privacidade de cada ser humano.

Posso testemunhar que nos anos duros da repressão a conduta de Procopio foi de uma dignidade e de uma coragem que no meio intelectual distinguiram-no para sempre. Hoje é fácil protestar. Naqueles dias terríveis da tortura e da prisão, Procopio não protestava apenas com palavras, agia. Tantas vezes foi ao cárcere, visitar ou tentar libertar colegas. Tantas vezes assumiu, como presidente do CEBRAP, os riscos e as responsabilidades que, bem feitas as contas, não tinham por que ser dele, que Procopio passou a ser percebido como "homem de esquerda".

Sem ter tido jamais um pensamento sociológico enraizado na esquerda clássica, acabou por se assumir como um crítico constante da ordem e, nos limites de sua inserção no mundo, como um intelectual que agia politicamente. Neste percurso Procopio pôde reconciliar sua visão progressista do mundo com a prática de uma Igreja imersa na vasta luta que a "opção preferencial pelos pobres" acabou por impor. O ceticismo do intelectual refinado, seu distanciamento aparente das emoções, tudo isto foi retemperado pela visão de uma Igreja e de uma doutrina religiosa que não era mais a do "ópio do povo".

Creio que o reencontro de Procopio com a Igreja, não mais a dos mistérios e da transcendência, mas a do protesto e do movimento social, ofereceu-lhe o momento de plenitude que todo intelectual engajado busca. Não sei se o fervor com que Procopio voltou aos temas como o "acesso das massas ao Direito", da religião como forma de consciência libertadora do indivíduo, da "participação" para valorizar a representação, apaziguou a angústia de quem parecia ter sempre uma dimensão voltada para a transcendência e o infinito.

Nunca pude decifrar o enigma de quem, às voltas com a tormenta da Causa Primeira e Última, tecia o cotidiano na dúvida metódica. É certo que Descartes construiu os argumentos que satisfizeram a ele próprio para resolver este dilema. Mas o Deus que Procopio parecia sublimar era mais vulcânico e devastador em suas exigências existenciais do que aquele que pode ser concebido pela fria Razão. Mas sei que a Igreja na qual repousava a esperança de uma ação pastoral que se confundia com a transformação radical do mundo, esta Procopio reencontrou a partir dos anos da Resistência.

Foi deste reencontro — nem sempre de entrega — que bruxuleou a inspiração intelectual mais criadora de Procopio. Não sei se seus escritos terão registrado tudo o que ele pressentiu, viu e explicou. Talvez melhor do que neles, Procopio tenha se realizado através dos muitos a quem ajudou a escrever teses e artigos. Motivou a muito jovem. Foi companheiro intelectual de muitos colegas.

Procopio deixou em todos nós marcas sensíveis de sua presença humana e intelectual. Foi tolerante sempre, sem esconder suas convicções. Solidário, embora disfarçando o quanto, para evitar embaraços que sua generosidade poderia causar a quem ela alcançava. Um amigo. Um conselheiro irônico. Homem de discreta coragem. Presente quando necessário, mas sem imposições ou exagero. Deixou conosco as marcas do intelectual discreto mas participante, que sempre quis esconder a virtude com um ar de ausência. E muitas saudades.

---

Fernando Henrique Cardoso. Sociólogo, senador da República.

**Novos Estudos CEBRAP, São Paulo**  
n.º 17, pp. 26-28, maio 87

---